

**O PAPEL DA INCUBADORA DE EMPRESAS DE UM INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DE EMPREENDEDORES E
DE NEGÓCIOS INOVADORES**

***THE ROLE OF THE BUSINESS INCUBATOR OF A FEDERAL INSTITUTE OF
EDUCATION FOR THE DEVELOPMENT OF ENTREPRENEURS AND
INNOVATIVE BUSINESSES***

Paula Lopes de Oliveira Maia

IFSULDEMINAS, Campus Passos

FEARP/ USP

paula.maia@ifsuldeminas.edu.br

<https://orcid.org/0000-0001-7043-8639>

Vinícius Milleo Kuromoto

EMBRAPA

FEARP/ USP

vinicius.kuromoto@usp.br

<https://orcid.org/0009-0006-1502-9422>

Thaís Helena Zero de Oliveira Pereira

FEARP/ USP

thaiszero@usp.br

<https://orcid.org/0009-0004-9528-7549>

Luis Fernando Costa Pereira

EERP/USP

luisfernandocosta@usp.br

<https://orcid.org/0000-0002-6324-5158>



Pedro Luiz Messana Niero Rocha

FEARP / USP

p.rocha@usp.br

Recebido em: 20/11/2023.

Aprovado em: 08/12/2023.



DOI: 10.18406/2359-1269v10n220233373

Resumo

Apesar de o Brasil ser um país com alta taxa de empreendedorismo, a maior parte dos negócios, especialmente os micro e pequenos, são caracterizados por baixo grau de inovação, pouco investimento em tecnologia e falta de conhecimento em gestão. Neste contexto, observa-se que os programas para incubação de empresas vêm ganhando cada vez mais destaque nos últimos anos por fomentarem o empreendedorismo por oportunidade e o desenvolvimento de inovações. Desta forma, esta pesquisa tem como objetivo analisar o papel da incubadora de empresas de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia no desenvolvimento de empreendedores e de negócios inovadores. Para tanto, foi realizada uma pesquisa descritiva, de natureza qualitativa, tendo como base um estudo de caso com quatro empreendedores pertencentes à incubadora mista do Instituto Federal “X”. Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas pelo Google Meet através de um roteiro semiestruturado. Utilizou-se a análise de conteúdo de Bardin, como técnica de análise de dados. Os resultados apontam que a incubadora analisada, segundo as empresas, desempenha uma forte contribuição para o empreendedorismo por oportunidade, pois o ambiente proporciona vivência empresarial e os cursos oferecidos são relevantes para que adquiram esse know-how.

Palavras-chave: Incubadora de empresas; Inovação; Empreendedorismo.

Abstract

Although Brazil is a country with a high rate of entrepreneurship, most businesses, especially micro and small, are characterized by a low degree of

innovation, little investment in technology and lack of management knowledge. In this context, it is observed that the programs for incubating companies have been gaining more and more prominence in recent years for promoting entrepreneurship by opportunity and the development of innovations. Thus, this research aims to analyze the role of the business incubator of a Federal Institute of Education, Science and Technology in the development of entrepreneurs and innovative businesses. To this end, a descriptive, qualitative research was carried out, based on a case study with four entrepreneurs belonging to the mixed incubator of the Federal Institute "X". For data collection, interviews were conducted by Google Meet through a semi-structured script. Bardin's content analysis was used as a data analysis technique. The results show that the incubator analyzed according to the companies, plays a strong contribution to entrepreneurship by opportunity, since the environment provides business experience and the courses offered are relevant for them to acquire this know-how.

Keywords: Business Incubator; Innovation; Entrepreneurship.

Introdução

A inovação é um tema cada vez mais relevante por ser vista como uma ferramenta de competitividade entre as empresas e de desenvolvimento econômico, pois, segundo Drucker (2014, p. 41) "onde quer que seja introduzida, ela muda a economia". A inovação é entendida como o ato de criar algo novo, que gere riqueza, a partir de uma nova percepção sobre os recursos já existentes (Drucker, 2005).

Assim, muitas empresas nos dias de hoje encontram como problema, em termos de competitividade, o fato de enfrentarem outras não tradicionais, ou seja, a competição ocorre entre "líderes" versus "inovadores", ou "copiadores" versus "criativos", por exemplo, e não apenas por conta da entrada de empresas internacionais (HAMEL; PRAHALAD, 2005). Nesse sentido, Christensen (2001), ressalta que, independentemente do ambiente no qual a empresa está inserida e do tipo de empresa, todas enfrentam o dilema da inovação.

Inserida em um ambiente de mudanças lentas ou rápidas, sendo uma empresa de produtos ou serviços, de tecnologia de ponta ou não, torna-se necessário neste momento uma gestão muito diferente para que seus lucros e crescimento se mantenham no longo prazo. É necessário antever as mudanças

com as quais poderão se deparar a fim de evitar o fracasso, apesar de aparentemente terem uma boa gestão e um bom relacionamento com clientes.

Contudo, apesar da relevância da inovação para a longevidade das empresas, nota-se no cenário brasileiro uma quantidade insuficiente de empreendedores inovadores, “o Brasil tem de passar a reconhecer e a incentivar mais a criação e expansão de empresas inovadoras” (SARKAR, 2008, p. 9). Este fato pode ser explicado pela alta taxa de empreendedorismo por necessidade no país, pois, apesar do brasileiro ser considerado um povo empreendedor, a maior parte dos empreendimentos não possui planejamento e gestão, assim como não iniciou as atividades a partir da identificação de uma oportunidade no mercado. Problema que ocorre especialmente com as micro e pequenas empresas. Fabrete (2019) e GEM (2019) apontam que o declínio da economia e o aumento crescente do desemprego incidiu no aumento do empreendedorismo por necessidade no país.

Nesse sentido, Sarkar (2008) observa que apesar de o Brasil possuir um processo de abertura de empresas lento e difícil, se comparado a outros países, apresenta uma taxa alta de atividade empreendedora. Contudo, a maioria das pessoas empreende por necessidade no país, evidenciando assim negócios pouco inovadores, caracterizados por pequeno investimento e pouco conteúdo tecnológico. Deste modo, é urgente o desenvolvimento do espírito empreendedor e da inovação no empreendedor brasileiro, que necessita observar a inovação e utilizá-la como uma ferramenta.

Nesse contexto, vale destacar a importância das incubadoras de empresas de base tecnológica no que tange ao fomento do empreendedorismo por oportunidade e para o desenvolvimento de inovações, pois, estando as empresas incubadas em um ambiente protegido, este ambiente reduz seus custos operacionais, permite a aproximação com investidores e ainda fornece a estrutura física e capital intelectual necessários para agregar valor ao negócio.

Tomando como ponto de partida as questões discutidas acima, esta pesquisa justifica-se pela importância da inovação e das incubadoras de empresas para os empreendedores, tendo em vista que podem beneficiar-se a partir da adoção de estratégias inovadoras capazes de mantê-las no mercado e gerar vantagem competitiva frente às concorrentes. Especialmente, no

contexto atual, a inovação desempenha um papel essencial, pois as empresas que estão se saindo melhor na crise são aquelas que investem em inovação.

Assim, tendo em vista o grande impacto da criação Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia no contexto brasileiro e sua proposta inovadora de interiorização, que permitiu acesso à educação pública, gratuita e de qualidade à pessoas historicamente excluídas de outras políticas de formação profissional, e ainda considerando que estas instituições são recentes, se comparadas às universidades federais, este estudo busca trazer como contribuição para a literatura, um melhor entendimento quanto às potencialidades de uma incubadora inserida em um Instituto Federal para as empresas incubadas.

Desta forma, esta pesquisa buscou responder ao seguinte questionamento: Qual o papel da incubadora de empresas de um Instituto Federal para o desenvolvimento de empreendedores e de negócios inovadores? E para tanto, tem como objetivo geral: analisar o papel da incubadora de empresas de um Instituto Federal de Educação para o desenvolvimento de empreendedores e de negócios inovadores.

E tem como objetivos específicos: (1) Verificar a contribuição da incubadora para o desenvolvimento de inovações nas empresas graduadas; (2) Analisar os indicadores de inovação; (3) Averiguar a capacitação em gestão dos empreendedores das empresas incubadas e sua contribuição para o empreendedorismo por oportunidade; (4) Analisar a contribuição da incubadora para o desempenho das empresas.

Assim, este estudo está estruturado em cinco seções principais, divididas em: (1) Introdução, parte que situa o leitor do cenário pesquisado; (2) Referencial teórico, que abordará os temas empreendedorismo, inovação e incubadoras de base tecnológica; (3) Metodologia, que especifica os procedimentos metodológicos; (4) Análise e discussão dos resultados, seção que examina e discute os dados; e finalmente (5) Considerações finais.

Referencial Teórico

Empreendedorismo

O termo empreendedorismo tornou-se popular na atualidade, contudo, a palavra é bastante antiga e vem sendo empregada com diferentes significados

ao longo do tempo, tendo sua origem na França no século XVIII através do economista Richard Cantillon. Em francês, empreendedorismo significa algo relativo a estar no mercado entre o fornecedor e o consumidor (SARKAR, 2008). Para Dolabela (2008, p. 59):

Empreendedorismo é um neologismo derivado da livre tradução da palavra entrepreneurship e utilizado para designar os estudos relativos ao empreendedor, seu perfil, suas origens, seu sistema de atividades, seu universo de atuação [...] No final do século XVII, empreender era a “firme resolução de fazer qualquer coisa”. No século XIX e início do século XX, o termo designava grandes capitães de indústria, tal como Ford nos EUA, Peugeot na França, Cadbury na Inglaterra, Toyoda no Japão. Atualmente, significa a atividade de toda pessoa que está na base de uma empresa, desde o franqueado ou um dono de oficina mecânica até aquele que criou e desenvolveu uma multinacional (DOLABELA, 2008, p. 59).

Sarkar (2008), complementa destacando que é possível agrupar a evolução do conceito de empreendedorismo em seis eixos chave, conforme pode ser visualizado no quadro a seguir:

Quadro 1: Eixos chave no conceito de Empreendedorismo

Eixos	Autores
Empreendedorismo e inovação	Shumpeter (1934); Drucker (1985)
Identificação de oportunidades e sua exploração	Kirzner (1973); Shane (2003); Venkataraman (1997)
Empreendedor, características e comportamento	McClelland (1961)

Empreendedorismo como processo de criação de empresa	Garter (1988)
Expressão organizacional do projeto empreendedor (novas empresas/ empresas existentes)	Stevensene Jarillo (1990)
Exploração de oportunidade cuja sustentabilidade ocorre por meio da inovação	Sarkar &2007)

Fonte: Adaptado de Sarkar (2008, p. 27)

Timmons (1994) destaca que o empreendedorismo está relacionado ao ato de criar e construir algo de valor, partindo-se praticamente do nada, sendo ainda um processo de criar ou aproveitar uma oportunidade, perseguindo-a independentemente dos recursos controlados. Por outro lado, Rebouças (2014, p. 3) define empreendedorismo como “um processo evolutivo e inovador das capacidades, habilidades e atitudes profissionais direcionadas à alavancagem dos resultados dos empreendimentos e à consolidação de novos projetos estrategicamente relevantes”.

Por fim, Shumpeter (1988) chama a atenção para a importância do empresário inovador para o desenvolvimento da economia, sendo este caracterizado como agente fundamental do processo. Em um modelo de economia no qual as atividades acontecem de forma idêntica, repetindo-se constantemente, o empresário inovador deverá ser capaz de trazer novos produtos ao mercado a partir de combinações eficientes de tal forma que os consumidores desejem estes novos produtos. Dolabela (2016) complementa, ressaltando que o empreendedorismo incide no desenvolvimento econômico, pois, este é capaz de criar riquezas e benefícios e os compartilhar com a sociedade.

Todavia, retomando às definições de Schumpeter sobre empreendedorismo, Dornelas (2016) chama atenção para o fato de que apenas criar empresas não favorece o desenvolvimento econômico, pois é essencial observar a principal motivação para empreender, ou seja, verificar o que se trata de empreendedorismo por oportunidade e o que se trata de

empreendedorismo por necessidade. No caso dos empreendedores por necessidade, geralmente o início de um negócio tem como objetivo central a subsistência, ou seja, conseguir desenvolver uma atividade econômica mínima, mesmo que informal, para ganhar algum dinheiro para seu sustento e de sua família. Predomina nos países menos desenvolvidos e em muitos dos países em desenvolvimento (DORNELAS, 2016).

Em geral, estes empreendedores caracterizam-se pelo pouco conhecimento explícito, ou seja, apresentam baixos níveis de escolaridade, o que implica em negócios que não possuem planejamento, investimento e tão pouco inovação (Dornelas, 2016). Validando os apontamentos de Dornelas, a pesquisa do GEM (2019) demonstra que 73,6% dos empreendedores iniciais estão na informalidade e 49,5 % (média de empreendedores iniciais e estabelecidos) não empregaram nenhuma pessoa. Estes empreendedores considerados invisíveis, estão à margem de todo processo de transformação digital em curso e necessitam de um olhar diferente por parte dos responsáveis pela criação de políticas públicas a fim que de que consigam migrar futuramente para o empreendedorismo por oportunidade e contribuir com o desenvolvimento econômico através da criação de emprego e renda (GEM, 2020).

Em contrapartida, os empreendedores por oportunidade, diferenciam-se por terem identificado uma lacuna no mercado, possuem uma visão de negócio e querem desenvolver uma empresa para atuar nesse mercado. Alguns fatores mais comuns que contribuem para o empreendedorismo por oportunidade são: decisão deliberada e/ou planejada; ideia, descoberta, inovação; convite; busca sistemática, querer ganhar dinheiro e se realizar financeiramente; desejo de autonomia; projeto da pós-carreira, dentre outros (DORNELAS, 2016).

Ainda sobre o conceito de empreendedorismo, Sarkar (2008) conclui salientando que há muitas definições para o termo, entretanto, todas elas têm como cerne características relativas a fazer diferente, assumir riscos, procurar oportunidades e inovar. Sob essa perspectiva, Drucker (2005, p. 39) conclui ressaltando que “a inovação é o instrumento específico do espírito empreendedor”.

Inovação

Frequentemente tem-se uma ideia limitada ou até mesmo, incorreta sobre determinados conceitos, tais como o processo de inovação, dificultando assim sua aplicabilidade nas empresas. Por isso, adota-se uma visão mais ampla de inovação que abrange tanto a criação quanto o aprimoramento de produtos, processos de produção, processos gerenciais além de serviços e procedimentos organizacionais inéditos (FIGUEIREDO, 2011).

“Inovação é muito mais do que crescer e tentar manter uma posição no mercado. É também lançar novos produtos ou processos ou romper com os existentes” (Sarkar, 2008, p. 12). Já Tidd, Bessant e Pavitt (2005, p. 30) afirmam que quando falamos em inovação “estamos falando basicamente de mudança”.

A inovação é instrumento específico dos empreendedores, o meio pelo qual eles exploram a mudança como uma oportunidade para um negócio diferente. Ela pode bem ser apresentada como uma disciplina, ser apreendida e praticada. Os empreendedores precisam buscar com propósito deliberado, as fontes de inovação, as mudanças e seus sintomas que indicam oportunidades para que uma inovação tenha êxito. E precisam conhecer e pôr em prática os princípios da inovação bem-sucedida (DRUCKER, 2005).

Para Tidd, Bessant e Pavitt (2005, p. 24) “a inovação é movida pela habilidade de estabelecer relações, detectar oportunidades e tirar proveito das mesmas”. E completam “a inovação não consiste apenas na abertura de novos mercados - pode também significar novas formas de servir a mercados já estabelecidos e maduros.” Dosi (1982) afirma que a inovação está ligada tanto à descoberta, experimentação e desenvolvimento, quanto à imitação e adoção de novos produtos, novos processos de produção e novos arranjos organizacionais. Schumpeter (1988, p. 48), conclui afirmando que a inovação é “a introdução de um novo produto; a descoberta de um novo meio de produzir; a abertura de um novo mercado; a descoberta de uma nova fonte de matéria prima; ou uma nova organização de qualquer indústria”.

De acordo com Tigre (2006), o Manual de Oslo, que é a referência conceitual e metodológica mais usada para examinar o processo de inovação, amplia a definição de inovação, focando-a como um “solucionador de problemas” nas diversas etapas do processo produtivo. Compreendendo assim a inovação como um processo coexistente de alterações que envolvem

diferentes atividades internas e externas à empresa. Assim, de acordo com o Manual de Oslo:

Uma inovação é a implementação de um produto (bem ou serviço) novo ou significativamente melhorado, ou um processo, ou um novo método de marketing, ou um novo método organizacional nas práticas de negócios, na organização do local de trabalho ou nas relações externas (OECD, 2018).

Já Tidd, Bessant e Pavitt (2005) classificam as inovações em quatro tipos, os quais denominam os “4 Ps da inovação” que são apresentados no quadro a seguir:

Quadro 2: Os 4 Ps da Inovação

Inovação de produto	de	Alterações nos produtos e/ou serviços que a empresa disponibiliza aos seus clientes.
Inovação de processo	de	Modificações na maneira pela qual os produtos e/ou serviços são desenvolvidos e entregues.
Inovação de posição	de	Variações no contexto em que os produtos e/ou serviços são introduzidos.
Inovação de paradigma	de	Transformação nos modelos mentais que direcionam a empresa.

Fonte: adaptado de Tidd, Bessant e Pavitt (2005, p. 30).

Nesse sentido, uma diferenciação importante que deve ser ressaltada é entre a inovação radical e a inovação incremental. As inovações radicais alteram a maneira como enxergamos e como utilizamos as coisas, “às vezes são tão radicais e vão tão além que mudam a própria base da sociedade” (TIDD, BESSANT, PAVITT, 2005, p. 32). As inovações radicais, criam alterações essenciais nas atividades de uma empresa e representam uma exclusão das práticas vigentes até então. Ou seja, elas que criam algo e fazem com que sejam adotadas novas rotinas com transformações inclusive nas

crenças e valores normativos das pessoas da organização (MOREIRA; QUEIROZ, 2007).

Em contrapartida, as inovações incrementais estão relacionadas às diferenças discretas em relação às práticas usuais. Referem-se às pequenas adaptações nas rotinas organizacionais e que se adequam às normas e valores dos membros da organização (Moreira e Queiroz, 2007). Montanha Júnior *et al* (2008, p. 4) ressaltam que as inovações incrementais ocorrem com maior frequência nas organizações, tendo em vista que são mais baratas e seguras, além de proporcionarem retorno em um período satisfatório.

Tendo em vista que a inovação por si própria pode ser entendida como um processo de gestão, verifica-se a necessidade de se administrar este processo. Para tanto, a gestão da inovação, torna-se essencial, tendo em vista que as melhores práticas dependem de diversos fatores, tais como tecnologias e contingências do mercado, por exemplo, que afetam diretamente a gestão da inovação, propiciando tanto oportunidades quanto restrições para a sua realização. Além disso, as incertezas do ambiente influenciam o tipo, o grau, a organização e a gestão da inovação, ou seja, desta forma a empresa deve integrar estes fatores de forma coerente a fim de obter uma melhor performance (TIDD, 2001).

Deste modo, Bautzer (2009), reforça a importância de se criar processos para gerenciar a inovação, pois o autor acredita que a inovação deve ser provocada e seus processos devem ser administrados de forma que gerem vantagem competitiva para a empresa. Drucker (2005) completa enfatizando que os empreendedores devem aprender a praticar a inovação sistêmica, que consiste em uma procura por mudanças e na análise sistemática das oportunidades que estas mudanças são capazes de oferecer para a inovação econômica ou social.

Neste contexto, os ambientes de inovação podem atuar como um componente essencial dos sistemas de inovação, tendo em vista que se distinguem por oferecer um meio propício para o desenvolvimento tanto de produtos quanto de processos inovadores, minimizando riscos e maximizando os resultados desses processos. Os ambientes de inovação abarcam duas dimensões: (1) as áreas de inovação, que são compostas por parques científicos e tecnológicos, cidades inteligentes, clusters, distritos de inovação,

comunidades de inovação e outras áreas de inovação; (2) mecanismos de geração de empreendimentos inovadores, que são constituídos pelas incubadoras de empresas, aceleradoras, *coworkings*, *living labs* e outros mecanismos (SEBRAE, 2020). Assim, o próximo tópico aborda esses ambientes e seus impactos para o empreendedorismo e a inovação.

Ambientes de Inovação: as incubadoras de empresas

De acordo com a ANPROTEC (2019), os mecanismos de geração de empreendimentos podem ser compreendidos como as organizações, programas ou iniciativas de desenvolvimento de empreendimentos inovadores e fomento ao desenvolvimento de empresas nascentes de base tecnológica, que se fundamentam em diferenciais tecnológicos ou exploram a solução de problemas ou desafios sociais e ambientais, através de suporte para transformar ideias em empreendimentos de sucesso. Nesse sentido, como apresentado anteriormente, a inovação e o empreendedorismo têm uma forte relação, assim como a relação de empreendedorismo com incubadoras. O trabalho de Souza (2015) apresenta resultados importantes dessa dinâmica, demonstrando a eficiência das ações desempenhadas na criação de empresas que atingiram o sucesso.

Souza (2015) apresenta diferentes conceitos para incubadora de empresas, dado que há diferentes definições na literatura sobre o conceito, e assim não há uma definição única que possa ser aplicada a todas incubadoras. O autor até desenvolve uma quadro que apresenta 8 definições, sendo uma de Dornelas (2007) que apresenta que incubadoras de empresa “são mecanismos mantidos por entidades governamentais, universidades, grupos comunitários entre outros que utilizam um ambiente no qual são oferecidas facilidades para o surgimento e o crescimento de novos empreendimentos” (DORNELAS, 2007, p.14). Sob essa perspectiva, acordo com a ANPROTEC (2019), o conceito de incubadora de empresa de, refere-se à:

Organização ou estrutura que objetiva estimular ou prestar apoio logístico, gerencial e tecnológico ao empreendedorismo inovador e intensivo em conhecimento, com o objetivo de facilitar a criação e o desenvolvimento de empresas que tenham como

diferencial a realização de atividades voltadas à inovação. (ANPROTEC, 2019).

Pode-se encontrar uma convergência na literatura ao apresentar que o grande objetivo das incubadoras é impedir a mortalidade das empresas. Uma reportagem publicada pelo jornal “O Globo” em outubro de 2019, mostra que seis empresas de dez que abriam em 2017, em menos de cinco anos encerraram as operações. Isso decorre muitas vezes da falta de planejamentos e gestão, fatores que uma incubadora de empresas pode proporcionar.

Segundo o relatório do IBGE apresentado na reportagem, conforme os anos passam, fica mais desafiador manter o negócio. Entre as empresas que nasceram em 2012, a taxa de sobrevivência foi de 78,9% após um ano de funcionamento; 64,5% após dois anos; 55% após três anos; 47,2% após quatro anos; e 39,8% após cinco anos.

A mortalidade que as incubadoras buscam evitar ocorre por meio da inovação e geralmente os ambientes de incubadoras de empresas proporcionam o fomento de inovações e novos negócios, possibilitando diferentes resultados esperados, como os apontados a seguir:

(...) Redução da taxa de mortalidade das empresas; Geração de inovação tecnológica; Geração de novos postos de trabalho; Transferência de tecnologia entre universidades, centros de pesquisa tecnológica e novos empreendimentos; Propiciar taxas de crescimento acelerado entre os novos empreendimentos incubados; Influenciar a cultura tecnológica da região onde encontra-se instalada (UGGIONI, 2002, p. 53). Ainda:

(...)As incubadoras de empresas representam suma importância para o desenvolvimento do empreendedorismo, a justificativa para tal afirmação, norteia-se no crescimento sustentável dos negócios incubados e também daqueles imersos no mercado, ou seja, que amadureceram suas estratégias e negócios por meio das incubadoras (SOUZA, 2015, p. 9).

É importante destacar que o processo de incubação geralmente compreende três etapas: pré-incubação, incubação e graduação. A pré-incubação refere-se à etapa de sensibilização, recrutamento e seleção de projetos mediante apresentação de um plano de negócios, já a etapa de incubação, diz respeito ao desenvolvimento da empresa propriamente dito, através do suporte da estrutura física, do apoio administrativo e gerencial para as áreas chave da empresa, tendo como foco a capacitação do empreendedor. E por fim, a graduação ocorre quando a empresa que recebeu o suporte da incubadora e já se encontra em condições de se manter de maneira independente no mercado (ANPROTEC, 2019).

Ainda segundo a ANPROTEC (2019), as incubadoras podem ser classificadas em três tipos: (1) as incubadoras tecnológicas, que hospedam empresas cujo foco são produtos e serviços inovadores e nas quais, as atividades de pesquisa e desenvolvimento são essenciais, sendo comuns ocorrerem parcerias com universidades e centros de pesquisa; (2) as incubadoras tradicionais, que fomentam negócios de atuação em setores tradicionais da economia; e (3) as incubadoras mistas, que não restringem o setor de atividades das empresas.

Verifica-se desta forma que os mecanismos de geração de empreendimentos inovadores buscam fomentar o surgimento de empresas inovadoras, assim como preparar as empresas nascentes para consolidação e crescimento no mercado. “Esses mecanismos, portanto, auxiliam no processo de migrar do conhecimento ou ideia para a prática, alcançar clientes e crescer de forma sustentável” (SEBRAE, 2020, p. 15).

Metodologia de Pesquisa

Este estudo pretende responder à pergunta-problema: Qual o papel da incubadora de empresas de um Instituto Federal para o desenvolvimento de empreendedores e de negócios inovadores? Para tanto, esta pesquisa pode ser classificada como descritiva, tendo em vista que “as pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (Gil, 2010, p. 44). Nesse sentido, busca-se relacionar o processo de incubação com o empreendedorismo por oportunidade e com o desenvolvimento de inovações.

Esta pesquisa caracteriza-se como de natureza qualitativa, pois:

Os estudos qualitativos podem descrever a complexidade de determinado problema e a interação de certas variáveis, compreender e classificar os processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de dado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos (DIEHL; TATIM, 2004, p. 52).

No que se refere ao procedimento técnico, realizou-se um estudo de múltiplos casos, no qual optou-se por selecionar empresas da incubadora de base mista aqui denominada Incubadora X, por questões de confidencialidade. Essa escolha deve-se ao fato de as empresas da referida incubadora encontrarem-se em momentos distintos de maturação do negócio, sendo 2 empresas já graduadas e 2 empresas incubadas no momento. Optou-se pelo estudo de caso por ser “uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes” (YIN, 2001, p. 39).

A incubadora X está situada em uma pequena cidade no interior do Sul de Minas Gerais e foi escolhida tendo em vista a relevância dos Institutos Federais com sua proposta de interiorização e também pelo fato de não haver muitas pesquisas focadas em incubadoras dos IFs. A incubadora X atua oficialmente desde 2008 e já recebeu pré-incubação e incubação, obtendo até o momento 08 empresas graduadas. Estas empresas atuam majoritariamente nas áreas de agrimensura (geotecnologias) e meio ambiente, com algumas variações ao longo do tempo. Até 2019 foram atendidos 25 empreendimentos nos programas de incubação e pré-incubação.

Foram contactadas por e-mail e WhatsApp as empresas graduadas e as que estão incubadas no momento, sendo que 4 delas aceitaram participar da pesquisa e para este trabalho são aqui denominadas empresas A, B, C e D, por questões de sigilo e privacidade. Como instrumento de coleta de dados,

foram realizadas entrevistas nos meses de dezembro de 2020 e janeiro de 2021, via Google Meet tendo como base um roteiro semiestruturado.

O roteiro foi dividido em 3 blocos, sendo o 1º bloco de caracterização geral dos empreendedores e suas empresas, o bloco 2 contendo questões abertas relativas à percepção dos empreendedores quanto à contribuição para os seus negócios e o bloco 3 contendo os requisitos de avaliação geral do desempenho da incubadora, sendo utilizada a escala de notas de 1 a 10 para esta questão. As entrevistas foram gravadas e transcritas para serem analisadas posteriormente.

Os dados foram tratados e analisados pela técnica de análise de conteúdo, que segundo Vergara (2005) é uma técnica que visa identificar o que está sendo falado a respeito de determinado assunto. Bardin (2016. p. 42) a define como:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimento, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

A partir da transcrição das entrevistas foram definidas as categorias de grade aberta, a fim de agrupar os elementos comuns entre elas. As categorias de grade aberta são definidas durante o andamento da pesquisa, sendo mais flexíveis por serem passíveis de alterações até que se obtenha um conjunto final (VERGARA, 2005). Frases foram definidas como unidade de análise.

Resultados e Discussão

Este tópico apresenta e discute os resultados obtidos com base em entrevista com duas empresas graduadas e duas em processo de incubação.

O quadro a seguir apresenta as principais características das empresas entrevistadas.

Quadro 3: Apresentação geral das empresas entrevistadas

Empresa	Ramo de atuação	Tempo de incubação	Status
Empresa A	Topografia e Geodésia	2 anos	Graduada há 8 anos
Empresa B	Geotecnologias	2 anos	Graduada em janeiro de 2021
Empresa C	Agrimensura	1 ano	Incubado
Empresa D	Soluções ambientais	1 ano	Incubado

Fonte: dados da pesquisa de campo (2021).

Para uma melhor análise das empresas, e com foco em explorar a compreensão de cada empresa com o processo de incubação, dividiu-se as empresas em dois grupos. Sendo o grupo das empresas graduadas compostas pela empresa A e B, as quais são do segmento de agrimensura, e apresentam ter processos bem definidos com uma taxa de sucesso nos mercados em que atuam, com fluxo de caixa controlado, carteira de clientes definidas e registra que os empresários possuem a mesma faixa etária.

Já as empresas C e D compreendem o grupo das empresas em processo de graduação. Contudo, apesar de atuarem no mesmo segmento, registra-se que cada uma possui um nicho diferente de atuação, além da faixa etária dos empreendedores serem diferentes, o que pode impactar na visão e expectativas de cada um com o projeto. Visto que o proprietário da empresa D é servidor público e possui um sócio.

As respostas do bloco foram agrupadas e analisadas em eixos temáticos, a saber: Eixo 1: Contribuição da incubadora para capacitação em gestão dos empreendedores; Eixo 2: Contribuição da incubadora para o desenvolvimento de inovações; e por fim, Eixo 3: Contribuição da incubadora para o desempenho geral das empresas.

Sobre a contribuição da incubadora para a capacitação em gestão dos empreendedores, um empreendedor (empresa C) relata que não possuía nenhum conhecimento antes da incubação e os outros três entrevistados possuíam apenas conhecimentos básicos. Os quatro empreendedores comentam que este conhecimento é adquirido na vivência empresarial diária e em cursos oferecidos institucionalmente e também em parceria com instituições externas, como o SEBRAE, principalmente.

O empreendedor da empresa B, ressalta: *“Na parte de gestão, na parte que faltava pra gente, ela contribuiu demais porque tendo em vista que se a gente fosse colocar a empresa por conta própria no mercado, a gente iria sofrer demais como a gente viu muitos amigos nossos sofrendo e acabando fechando por falta de conhecimento de gestão, de não entender como funciona o processo, de não guardar a parte financeira para investir dentro da própria empresa ou na parte de planejamento”*. Sobre a importância do conhecimento em gestão, pesquisas do SEBRAE apontam que dentre as causas da alta mortalidade de empresas no Brasil, mais de 95% delas podem ser categorizadas como problemas de gestão de planejamento (SEBRAE, 2019). Portanto, a partir destes dados percebe-se a relevância das incubadoras no sentido de fornecer esse suporte em gestão e conseqüentemente ajudar a reduzir a mortalidade das empresas incubadas como mostra a literatura.

No que se refere ao desenvolvimento de inovações, os empreendedores das empresas B e D consideram sua empresa inovadora, já os outros dois (empresas A e C) consideram que suas empresas são tradicionais, ou não inovadoras. Dos empreendedores que se consideram inovadores, o empreendedor B acredita que eles inovaram em processo, tendo em vista que criaram uma espécie de “combo rural”, no qual englobam todos os processos do cliente em um fluxograma, o que facilita a visualização do processo como um todo, o acompanhamento e a gestão do mesmo. E nesse sentido considera sua inovação como incremental, pois unificou técnicas já existentes no mercado.

Já o empreendedor C, afirma que sua empresa inova em seu modelo de negócio, marketing e nos produtos e serviços oferecidos, contudo, assim como o empreendedor B, também são inovações incrementais. Apesar de considerarem suas empresas inovadoras, ambos empreendedores não utilizam

nenhum tipo de métrica para mensurar o investimento em inovação, bem como os resultados dele provenientes, o que dificulta uma análise mais precisa no que se refere ao desenvolvimento de inovações, assim como sua gestão.

Para estes empreendedores, a incubadora contribui com o desenvolvimento de inovações, no sentido de mostrar que é possível e de estimular o debate acerca do tema. Conforme destaca o B: *“...eu acho que a incubadora é muito importante para esse debate, a empresa está sempre pensando nisso [...] esse ambiente de debate, de cursos te faz ter alguns insights, mesmo que não saia na hora, você fica pensando naquilo”*.

As percepções destes empreendedores convergem com os estudos que mostram a relevância das incubadoras de empresas, sejam elas mistas ou de base tecnológica, pois elas atuam justamente no sentido de fornecer suporte às empresas com potencial inovador. Segundo o GEM (2019), receber este suporte pode ser fator decisivo para o sucesso de um empreendimento, tendo em vista a importância da condução adequada de uma boa ideia, transformando-a em um negócio inovador através dos processos de gestão da inovação.

Por outro lado, para os dois outros empreendedores (A e D), que não consideram suas empresas inovadoras, a incubadora deixa a desejar nesse sentido, pois destacam o excesso de burocracia, que muitas vezes causa engessamento e inibe a busca por inovações. Estudos anteriores apontam a mesma dificuldade de empreendedores para inovar e destacam, além da burocracia, o alto custo envolvido no desenvolvimento de inovações, o que muitas vezes se torna fator impeditivo para que os pequenos inovem.

Nesse contexto, é interessante destacar que a pesquisa de Marques (2020) evidenciou que empresas startups residentes em incubadoras inovaram menos em produto e em gestão do que empresas não residentes, o que sugere a necessidade de aprofundamento neste estudo para se compreender o porquê deste resultado, contrário ao que a literatura apresenta. Dados da pesquisa do GEM de 2019 corroboram essa necessidade de criação de mais empresas inovadoras no Brasil, pois, 89% dos empreendedores em etapa inicial afirmam que seu produto ou serviço não é novo e 89,8% afirmam que a tecnologia não é nova (GEM, 2019).

Quanto à contribuição da incubadora para o desempenho geral das empresas, houve unanimidade dos entrevistados em afirmar a relevância da incubadora para dar suporte na gestão dos empreendimentos, pois todos possuíam conhecimentos muito básicos. Destacaram também a importância da estrutura oferecida, (local, equipamentos etc.) que ajuda bastante principalmente no início dos empreendimentos.

Sob essa perspectiva o entrevistado D destaca: *“Pra gente a incubadora é de suma importância. Porque realmente mudou muito pra gente, não só na parte da empresa, na parte pessoal, de convívio, de entender o processo das coisas, a gente tem uma expertise adquirida aqui que a gente vai usar pra muita coisa”*. Em contrapartida, salientam novamente o excesso de burocracia e a deficiência de apoio em algumas áreas, como a parte jurídica, por exemplo.

Em contrapartida, sobre a contribuição da incubadora para o sucesso dos negócios, Amaral e Neto (2020), apontam que fatores como: o comprometimento dos sócios, a oportunidade de mercado e a capacidade técnica da equipe são fatores que influenciam mais no desempenho da empresa do que a metodologia de incubação, na percepção dos empreendedores da pesquisa por eles realizada.

Após responderem as questões abertas do roteiro semiestruturado, foi apresentado aos empreendedores o modelo de avaliação geral do desempenho da incubadora, no qual eles deveriam atribuir notas de 1 a 10, conforme seu grau de satisfação quanto aos critérios listados. A tabela a seguir, apresenta a avaliação das empresas graduadas quanto ao desempenho da incubadora:

Tabela 1: Avaliação do desempenho da incubadora (graduadas)

Requisitos para análise	A	B	Média
Grau de importância que a incubadora exerceu, de forma geral, sobre o desempenho de seu negócio?	7	10	8,5
Consultorias e capacitação	7	8	7,5

Auxílio no desenvolvimento de inovação	7	8	7,5
Assessoria técnica e empresarial	8	8	8
Apoio na elaboração do plano de negócios	8	8	8
A atuação da incubadora como facilitadora na obtenção de investidores e recursos em agências de fomento	8	7	7,5
Conhecimento adquirido através do projeto	8	10	9
Média	8	8	8

Fonte: dados da pesquisa de campo (2021).

A empresa A do ramo de topografia e geodésia apresentou nota maior que 7 para as perguntas. Dando nota 7 para o grau de importância que a incubadora exerceu, de forma geral, sobre o desempenho do negócio, bem como consultoria e capacitação e auxílio no desenvolvimento de inovação, assessoria técnica e empresarial, apoio na elaboração do plano de negócios, atuação da incubadora como facilitadora na obtenção de investidores e recursos em agência de fomento e conhecimento adquirido através do projeto.

Já a empresa B do ramo de geotécnicas apresentou nota 10 para o grau de importância que a incubadora exerceu, de forma geral e conhecimento adquirido através do projeto. Sendo nota 8 para o desempenho do negócio, bem como consultoria e capacitação e auxílio no desenvolvimento de inovação, assessoria técnica e empresarial, apoio na elaboração do plano de negócios, e 7 para atuação da incubadora como facilitadora na obtenção de investidores e recursos em agências de fomento.

Tanto a empresa A e B apresentaram média geral de 8, sendo a média para o grau de importância que a incubadora exerceu, de forma geral, sobre o desempenho do negócio de 8,5. Nota 9 para conhecimento adquirido através do projeto, 8 para assessoria técnica e empresarial e apoio na elaboração do plano de negócios, 7,5 para consultoria e capacitação, auxílio no desenvolvimento de inovação e atuação da incubadora como facilitadora na obtenção de investidores e recursos em agência de fomento.

Ao comparar as notas dadas para cada ação ofertada e executada pela incubadora, pode-se entender que ambas as empresas estão satisfeitas com a metodologia desenvolvida, contudo a atuação da incubadora como facilitadora na obtenção de investidores e recursos em agências de fomento é um ponto que foi apresentado pelos empresários para ser revisto e mais bem desenvolvido.

A seguir apresenta-se as respostas do grupo 2 (empresas C e D) que estão no processo de incubação.

Tabela 2: Avaliação do desempenho da incubadora (em processo de graduação)

Requisitos para análise	C	D	Média
Grau de importância que a incubadora exerceu, de forma geral, sobre o desempenho de seu negócio?	4	10	7
Consultorias e capacitação	1	8	4,5
Auxílio no desenvolvimento de inovação	1	8	4,5
Assessoria técnica e empresarial	3	8	5,5
Apoio na elaboração do plano de negócios	10	8	9
A atuação da incubadora como facilitadora na obtenção de investidores e recursos em agências de fomento	0	7	3,5
Conhecimento adquirido através do projeto	4	10	7
Média	3	8	5,5

Fonte: dados da pesquisa de campo (2021).

A empresa C do ramo de agrimensura apresentou nota menor que 5 em 90% das questões, apenas nota 10 para o apoio na elaboração do plano de negócios, tal resultado pode decorrer da empresa estar em processo inicial de incubação e ter participado apenas de um módulo da graduação. Nota-se que a empresa deu nota 4 para o grau de importância que a incubadora exerceu, de forma geral, sobre o desempenho do negócio e conhecimento adquirido

através do projeto. Nota 3 assessorias técnica e empresarial, e 1 para consultoria e capacitação e auxílio no desenvolvimento de inovação. E nota 0 para a atuação da incubadora como facilitadora na obtenção de investidores e recursos em agências de fomento.

Esse descontentamento da empresa C também foi expressado nas perguntas abertas, como pode ser visualizado fala do empreendedor a seguir: *“Tirando esse plano e a questão do contador, o resto a gente não teve assessoria de ir lá e explicar, pegar na nossa mão mesmo, por que foi até uma das falas do coordenador atual: Ah, vocês são tipo um recém-nascido que a gente vai criando, vai cuidando e aí quando vocês tiveram a capacidade de andar a gente solta da mão de vocês. Beleza, a gente esperava isso, mas não é o que está acontecendo, infelizmente”.*

Já a empresa D do ramo de soluções ambientais apresentou nota 10 para o grau de importância que a incubadora exerceu, de forma geral e conhecimento adquirido através do projeto. Sendo nota 8 para o desempenho do negócio, bem como consultoria e capacitação e auxílio no desenvolvimento de inovação, assessoria técnica e empresarial, apoio na elaboração do plano de negócios, e 7 para atuação da incubadora como facilitadora na obtenção de investidores e recursos em agências de fomento. Interessante notar que as notas da empresa D se assemelham com as notas da empresa B.

Se comparados, a empresa C e D apresentaram média geral de 5,5, tal resultado decorre de a empresa C ter dado muito baixa ao projeto, o que revela um grau de insatisfação elevado. Com a avaliação da média das notas, a nota dada para apoio na elaboração do plano de negócios foi 9, o grau de importância que a incubadora exerceu, de forma geral, sobre o desempenho do negócio e conhecimento adquirido através do projeto foi de 7, 4,5 para consultoria e capacitação e auxílio no desenvolvimento de inovação.

Por fim 3,5 na atuação da incubadora como facilitadora na obtenção de investidores e recursos em agências de fomento. No caso das empresas analisadas, essa dificuldade de obtenção de investidores e recursos em agências de fomento, pode ocorrer pelo fato de se tratar de empresas tradicionais e pouco inovadoras que estão abrigadas em uma incubadora de base mista.

No que se refere à atuação da incubadora como facilitadora na obtenção de investidores e recursos em agência de fomento, Rijnsoever (2019) chama atenção para o papel que as incubadoras podem desempenhar no sentido de proporcionar maior conectividade em ecossistemas empreendedores que possuem uma rede fraca de relacionamento. Segundo o autor, um ecossistema empreendedor consiste em um subsistema de conhecimento e um subsistema de negócios, contudo, pode ocorrer de estes subsistemas estarem desconectados. Desta forma, uma rede de apoio financeiro, composta por startups e investidores de risco privado, pode auxiliar na transferência de tecnologia nos ecossistemas empreendedores por intermédio das incubadoras.

Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo geral analisar o papel da incubadora de empresas de um Instituto Federal de Educação para o desenvolvimento de empreendedores e de negócios inovadores.

Quanto à contribuição da incubadora para o desenvolvimento de inovações nas empresas graduadas, verificou-se que empresas não são tão estimuladas a inovar quanto espera-se de empresas que passam por um processo de incubação, pois, somente duas das quatro, consideram-se inovadoras e ainda assim, suas inovações são incrementais e não possuem nenhum tipo de métrica e indicadores para mensurar e gerir a inovação.

No que se refere à capacitação em gestão dos empreendedores das empresas incubadas e sua contribuição para o empreendedorismo por oportunidade, observou-se que a incubadora contribui significativamente nesse sentido, pois os entrevistados relatam que a vivência empresarial e os cursos oferecidos são relevantes para que adquiram esse *know-how*.

E sobre a contribuição da incubadora para o desempenho das empresas, nota-se que a incubadora apresenta uma contribuição significativa. Pois, apesar do relato de diversas deficiências e pontos a melhorar, a nota geral da contribuição da incubadora foi de 6,7, valendo a pena destacar que o item “atuação da incubadora como facilitadora na obtenção de investidores e recursos em agências de fomento” foi muito mal avaliado por todos os empreendedores, contribuindo para jogar a média geral para baixo.

É importante ressaltar que esta pesquisa trabalhou somente com 4 empreendedores de uma única incubadora, sendo assim, as conclusões aqui apresentadas não podem ser generalizadas. Sugere-se para trabalhos futuros ampliar o escopo de empresas incubadas para as incubadoras de outros IFs e utilizar ainda os fatores críticos de sucesso de uma rede de incubação propostos por Carmo e Rangel: apoio institucional no que se refere aos recursos disponibilizados para atuar na rede de incubação, o papel do gestor do núcleo incubador e o processo de incubação.

Referências

AMARAL, L. M.; Hack NETO, E. Desempenho das Empresas Graduas em Incubadoras do Oeste do Paraná - Anprotec: Uma Análise da Metodologia de Incubação. **Revista Brasileira de Gestão e Inovação**, 8(1), 163-185, 2020.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE ENTIDADES PROMOTORAS DE EMPREENDIMIENTOS INOVADORES (ANPROTEC). **Mapeamento dos mecanismos de geração de empreendimentos inovadores no Brasil**. Brasília: Anprotec, 2019. Disponível em: <https://informativo.anprotec.org.br/mapeamento-dos-mecanismos-de-geracao-d-e-empreendimentos-inovadores>. Acesso em 28 nov. 2020.

BAUTZER, D. **Inovação: repensando as organizações**. São Paulo: Atlas, 2009.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

CHRISTENSEN, C. M. **O Dilema da Inovação**. São Paulo: Edna Veiga, Makron Books, 2001.

DIEHL, A.A.; TATIM, D.C. **Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas: Métodos e Técnicas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

DOLABELA, F. **Oficina do Empreendedor**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

DORNELAS, J. **Empreendedorismo na prática: mitos e verdades do empreendedor de sucesso**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

_____. **Empreendedorismo para Visionários - Desenvolvendo Negócios Inovadores para um Mundo em Transformação**. LTC: 2016. VitalBook file.

DOSI, G. *Technological paradigms and technological trajectories*. *Research Policy*, v.11, n.3, p.147-162, 1982.

DRUCKER, P. F. **Inovação e Espírito Empreendedor**. São Paulo: Entrepreneurship, 2005.

FABRETE, T. C. L. **Empreendedorismo**. 2. ed. São Paulo: Person Education do Brasil, 2019.

FIGUEIREDO, P. N. **Gestão da Inovação: conceitos, métricas e experiências de empresas no Brasil**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2010.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Empreendedorismo no Brasil**. 2019. Disponível em:
<https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/GEM%20Nacional%20-%20web.pdf>>. Acesso em: 11 jul.2020.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR (GEM)- **Diagnosing COVID-19: Impacts on Entrepreneurship**. 2020. Disponível em:
<https://www.gemconsortium.org/reports/covid-impact-report> . Acesso 01 dez. 2020.



MARQUES, N. **Ambiente institucional e inovação em startups**: o papel moderador das incubadoras de empresas. Tese (doutorado). Universidade de São Paulo, 2020.

MONTANHA JUNIOR, I. R. et al. Importância, definições e modelos de inovação. In: CORAL, E.; OGLIARI, A.; ABREU, A. F. de (org). **Gestão Integrada da Inovação**: estratégia, organização e desenvolvimento de produtos. São Paulo: Atlas, 2008.

MOREIRA, D. A.; QUEIROZ, A. C. S. (coord.). **Inovação organizacional e tecnológica**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO ECONÔMICA E DESENVOLVIMENTO (OCDE). **Manual de Oslo**: Diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação. 3. ed. FINEP, 2005. Disponível em: <http://www.finep.gov.br/images/apoio-e-financiamento/manualoslo.pdf> . Acesso em 11 nov. 2020.

PRAHALAD, C.K; HAMEL, G. **Competindo pelo futuro**: estratégias inovadoras para obter o controle do seu setor e criar os mercados de amanhã. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

REBOUÇAS, D.P. de O. **Empreendedorismo**: vocação, capacitação e atuação direcionadas para o plano de negócios. São Paulo: Atlas, 2014.

RIJNSOEVERA, F. J. van. Meeting, mating, and intermediating: How incubators can overcome weak network problems in entrepreneurial ecosystems. **Research Policy** ,49, 2019. Acesso em 10 dez, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.respol.2019.103884>

SARKAR, S.. **O empreendedor inovador: faça diferente e conquiste seu espaço no mercado**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do Desenvolvimento Econômico**: um investigação sobre lucros, capital, capital, crédito, juro e ciclo econômico. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

SEBRAE (SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS). **Ecossistemas de empreendedorismo inspiradores e inovadores**. Brasília: Sebrae, 2020.

SOUZA, T. F. A importância da incubadora de empresas no desenvolvimento do empreendedorismo. **Revista Eletrônica da Faculdade de Ceres**, 1(4), 2015.

TIDD, J.; BESSANT, J.; PAVITT, K. **Gestão da inovação**. Porto Alegre, Editora Bookman, 2005.

TIGRE, P. B. **Gestão da inovação**: a economia da tecnologia do Brasil. Rio de Janeiro, Editora Elsevier, 2006.

TIMMONS, J.A. **New venture creation**. Boston: Irwin McGraw-Hill, 4. ed., 1994.

UGGIONI, N. **Sistema de Acompanhamento e Avaliação de Empresas residentes em Incubadoras**. 2002. 108 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de Pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005. 287 p.

YIN, R.K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Trad. Daniel Grassi – 2. ed – Porto Alegre: Bookman, 2001.

